

EDITORIAL

Eduardo da Silveira Campos¹

Com mão esfíngica, Kierkegaard escreve toda sua obra. Ele *aperta* na interpretação, mas não exige que o leitor o decifre simplesmente. Sua obra é apenas um espelho que incide sobre a vida de quem o olha como singelo leitor; e é somente este, refletido na transparência do *nada*, que possui a tarefa de decifrar-se, interpretar e interpretar-se. Alterando sutilmente a recomendação da Esfinge no mito grego, Kierkegaard diria: “decifra-te a ti mesmo, ou devora-te”. Essa advertência esfíngica, ao modo kierkegaardiano, ganha um sentido existencial, pois o apelo para decifrar-se a si mesmo *aperta* a vida do leitor para vir à luz. Esse apelo *aperta* e constrange a vida para decidir-se, para ser reconduzida a si mesma, ou seja, à própria *possibilidade*. Em meio à dispersão, a uma miríade de possibilidades já dadas, a mão esfíngica acena à possibilidade. Todo o processo de autodeciframento que a obra instiga no leitor não é meramente o esclarecimento cognitivo de um enigma, mas sim a *tarefa*, o empenho de pôr-se a caminho do próprio mistério de ser/tornar-se humano. Por isso, em Kierkegaard, há algo mais importante que apenas tornar claro o caminho do conhecimento de si: é necessário percorrê-lo, realizando-se efetivamente, tomando o caminho para si. O *tornar-se* (*at blive*) na dinâmica desse caminho é o verbo kierkegaardiano que mais estreita e *aperta* – *tornar-se* é, assim, o verbo mais difícil. No espelhamento da obra do autor dinamarquês, o deciframento não antecede um possível *aperto* que

¹ Doutor em Filosofia (UFRJ), Mestre em Filosofia (UFRJ), Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea (UERJ), Licenciado em Filosofia (UFRJ); Pesquisador do Laboratório de Avaliação de Serviços e Qualidade de Vida em Saúde Mental (LAPSO) do IPUB/UFRJ; Professor colaborador do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial (IFEN); Coordenador do Grupo de Estudos Margem Kierkegaard (IPUB).
E-mail: eduardodascampos@gmail.com

pode vir a estrangular a vida para uma devoração cabal, como acontece com aquele que diante da Esfinge não consegue decifrar seu enigma. Não. Em Kierkegaard, o *aperto da angústia* acontece *pari passu* a todo processo de autodeciframento, apontando, desde o início, o caminho para o leitor, dando-lhe a alternativa para decidir-se entre o *tornar-se* ou a autofagia existencial, a fome *desesperada* por não pode ser.

Essa mão esfíngica, que atravessa toda obra, transfigura o *corpus* kierkegaardiano em múltiplas formas e estilos, e é dessa transfiguração que nasce a cada vez um autor: o *pseudônimo*. A cada vez a mão exerce a marca distinta de um escritor *outrando-se*. Dessa forma, Johannes *de silentio* não é Vigilius Haufniensis nem Johannes Climacus é Anticlimacus e nenhum deles é Kierkegaard. A propósito, um pseudônimo pode até mesmo ser adversário do outro e, ainda assim, refletir a totalidade da obra em torno da dinâmica de *tornar-se*. É próprio do *próprio* Kierkegaard não ter um nome próprio. Mas é justamente por isso que pode ter todos os nomes. A polinomia criadora nasce de uma anomia existencial. A impossibilidade de ter um eu substancial corrobora a possibilidade poética dos múltiplos eus: a possibilidade poeta. Por sentir igualmente um *aperto* esfíngico, Kierkegaard *torna-se* escritor. E dada a impossibilidade da fixação de um específico eu escritor, a esfinge Kierkegaard possui o poder capilar de penetrar diversas áreas, avançar por múltiplos campos, dialogar com as mais variadas regiões do conhecimento, mas sem pertencer a qualquer uma em especial. É por essa razão que neste dossiê estão reunidos os artigos de autores de algumas das diversas áreas em que Kierkegaard costuma ser lido: Filosofia, Literatura, Psicologia – artigos de autores que sentiram cada qual a seu modo o *aperto criador da angústia*.

A Revista Filosófica de São Boaventura reuniu textos não somente de estudiosos brasileiros que se dedicam seriamente à obra kierkegaardiana, mas teve a honra de contar com a contribuição estrangeira da pesquisadora da Universidade de Lisboa, a professora Elisabete de Sousa, reconhecida tradutora de Kierkegaard para o português e autora prolifera de livros e artigos acadêmicos. É Elisabete que abre a sequência de artigos com o texto intitulado: *Em torno da heterogeneidade da instância autoral kierkegaardiana*. Seu artigo procura mostrar que o refugio de Kierkegaard, em torno da publicação de *O Ponto de vista para a minha atividade*

de autor, é significativo para a composição de toda obra. Elisabete adverte que esse gesto corroboraria a heterogeneidade da autoria, salvaguardando a obra de ser indevidamente interpretada como portadora de uma unidade poética.

O texto de Ramon Bolivar, *Vida e Angústia: Michel Henry leitor de Kierkegaard*, apresenta de forma lapidar a dinâmica de constituição do *Selv* em Kierkegaard, utilizando-se para tanto das apropriações que Michel Henry faz do pensamento kierkegaardiano. O autor mostra que há um afeto calado no mais íntimo do homem, fazendo com que ele possa sentir-se a si mesmo como *sendo capaz de-* (“Eu Posso”), apenas à medida em que, paradoxalmente, perde o poder sobre si mesmo.

Maitê Sartori, em seu texto *A angústia e o despertar da liberdade: indicações para uma psicologia clínica próxima à existência*, discorre sobre a obra *O conceito de angústia*, apresentando de que forma as considerações de Vigilius Haufniensis podem contribuir para o fazer da psicologia contemporânea. Seu trabalho explora um tema pouquíssimo abordado nos estudos kierkegaardianos, porque empenha-se em mostrar que Kierkegaard afastava-se da positividade da “psicofísica” e do seu alheamento da *existência*, para indicar a disposição da *angústia* como reveladora de uma experiência humana mais originária.

O artigo de João Monteiro analisa, de modo profícuo, a interpretação de Kierkegaard acerca da ironia socrática, identificando, na sua atividade de pensar permeada de ironia, o nascedouro da *subjetividade*. Na liberdade de Sócrates, segundo o autor, a vida assume, uma dimensão “subjetiva, íntima, profunda e pessoal”, mas é exatamente por isso que sua vida se torna “incomensurável” com a vida pública exigida pela *polis* ateniense.

O artigo dos autores Thiago Costa Faria e Rodrigo Carqueja, *A importância da imitação, da graça e da gratidão na formação de uma autêntica comunidade em Kierkegaard*, realiza um trabalho de grande relevância para os estudos de Kierkegaard, pois livra o pensador de qualquer estigma de filósofo solipsista. Os autores relacionam o conceito de *comunidade* com as noções de imitação, graça e gratidão, dimensionando o conceito kierkegaardiano de *interioridade* a um instante que não perde de vista a tensão com o outro.

O artigo de Eduardo da Silveira Campos, intitulado *Recordação em Kierkegaard*, procura explicitar a noção de *recordação* como experiência poética, como uma memória criativa que vive às expensas do esquecimento, mas graças ao qual pode produzir a evidência de um extraordinário *ver*. A debilidade da memória que caracteriza o ancião, como descrita no “Prelúdio” de *In vino veritas*, é a ambiguidade de uma condição que se *repete*, com vivacidade, na saudade.

Por fim, agradeço imensamente ao professor Enio Giachini, editor da Revista Filosófica São Boaventura, a oportunidade de poder coordenar este número especial de Kierkegaard, participando como editor convidado e como um dos autores. Agradeço igualmente a generosidade dos autores que se comprometeram com o trabalho, esmerando-se na composição do texto.

O primeiro *aperto* já está dado, e deixamos para cada leitor de Kierkegaard, na companhia dos autores-leitores deste dossiê, a tarefa de tornar-se o seu leitor.